



O QUE O PRAGMATISMO SIGNIFICA PARA MIM: DEZ PRINCÍPIOS¹

*Richard Shusterman*²

Florida Atlantic University (FAU), USA

Resumo: O pragmatismo é uma tradição complexa, no interior da qual se trava um debate e cujos representantes defendem posições filosóficas das mais variadas, muitas vezes incompatíveis entre si. Este artigo expõe dez temas-chave que desempenham um papel essencial no pragmatismo, assim como o conceito, e, principalmente, tal como atraem a atenção das figuras principais do movimento pragmatista. Estes temas não estão listados pela ordem de sua importância, mas segundo a maneira que me pareceu ser a melhor para mostrar seu sentido e alcance, ao longo de uma apresentação breve, mas coerente. Aqui está a lista: 1) a natureza mutável, aberta e contingente da realidade; 2) o primado da ação, da prática e das intenções do ser humano até mesmo no domínio da reflexão teórica; 3) um naturalismo não redutor, que respeita o lugar do corpo; 4) uma abordagem anticartesiana, oposta à busca da certeza e ao dualismo cartesiano; 5) a necessidade da comunidade, considerada uma condição necessária para a busca do conhecimento e para o acesso aos significados; 6) uma orientação empirista que reconhece o papel da experiência e da experimentação, tanto no campo da cognição, quanto em todos os outros campos da atividade humana; 7) uma orientação que privilegia o futuro; 8) uma atitude melhorista para com a teoria e a prática; 9) um abordagem holística que enfatiza a continuidade, em vez do dualismo, e que aborda o significado e a crença em relação com as totalidades apreendidas em seu contexto; 10) um pluralismo que valoriza a diversidade das práticas, dos valores e dos significados.

Palavras-chave: Pluralismo. Melhorismo. Holismo. Experiência. Prática. Naturalismo.

O pragmatismo é uma tradição rica, disputada e em desenvolvimento ainda dinâmico, com vozes diferentes mesmo entre seus filósofos fundadores. Sem fingir que todos os pragmatistas clássicos compartilhem os dez temas a seguir, ofereço uma rápida explicação desses temas como uma descrição resumida das perspectivas pragmatistas que considero particularmente importantes. Eles não aparecem segundo a ordem de importância que lhes atribuo, mas naquela que me pareceu ser a melhor forma de organizá-los para esta exposição muito breve.

1. A natureza mutável, aberta e contingente da realidade.

O mundo que conhecemos graças à experiência humana é um mundo sem fixidez ou permanência absolutas. Não apenas a nossa experiência pessoal, mas o exterior é um mundo cujas regularidades e estabilidades existem em um quadro de mudança, muito da qual não é notada. Até mesmo nossas imagens de permanência, tais como as montanhas, são produtos da mudança e continuam a mudar por meio da erosão e de outras forças naturais e humanas. A contingência significa que o acaso é uma parte integrante da vida, que processos comportamentais e sociais, e até mesmo leis naturais,

¹ Tradução e notas de Aldir Carvalho Filho (UFMA), a partir do original publicado na REVUE FRANÇAISE D'ÉTUDES AMÉRICAINES, Nº 124, 2º Trimestre 2010. pp. 59-65. <<https://doi.org/10.3917/rfea.124.0059>>. Apesar de incompletas, foram mantidas as autorreferências bibliográficas apontadas pelo autor entre parênteses no texto original.

² N. T. Richard Shusterman é Pesquisador Eminente em Humanidades na Florida Atlantic University (FAU), nos Estados Unidos, Titular da cátedra *Dorothy F. Schmidt*, onde também dirige o *Centro de Corpo, Mente e Cultura*. De acordo com BARNES, T. J. (American pragmatism: Towards a geographical introduction, *Geoforum* 39, 2008. p. 1.549), ao lado de Richard Rorty e Richard Bernstein, Shusterman é um dos mais importantes expoentes da “Nova Constelação” de pragmatistas estadunidenses.

são questões de probabilidade e não de necessidade absoluta, que não admite surpresas, exceções ou aberrações. O fato de que as coisas e os acontecimentos de nossas vidas e do mundo social sejam contingentes não significa que sejam totalmente aleatórias ou arbitrárias e, portanto, não sujeitas a regularidades previsíveis que podem ser conhecidas e utilizadas. É por isto que, a despeito da ênfase no acaso ou na contingência (que Peirce chamou de “tiquismo”³), todos os pragmatistas clássicos abraçaram uma fé ativa na ciência e no método científico. Filósofos contemporâneos associados com o pós-estruturalismo e o pós-modernismo (incluindo o pragmatista Richard Rorty) ocasionalmente confundem esses sentidos da contingência (SHUSTERMAN, 1992, 1997, 2002) de maneiras que, às vezes, têm encorajado uma visão bastante cética e relativista de neopragmatismo.

Uma consequência da visão pragmatista de um universo aberto e mutável é que os fatos não estão aí só para serem descobertos, mas são, em grande parte, construídos pela atividade humana, o que pode ter efeitos significativos (inclusive funestos) não apenas sobre o mundo social, mas também sobre o ambiente natural. Além disso, a natureza aberta e maleável do mundo incentiva a ideia de liberdade para a ação positiva que pode fazer uma diferença real. Outra consequência é que a filosofia, como uma atividade humana que se envolve com o mundo em mudança, pode também ajudar a mudá-lo. Nesse sentido, o pragmatismo fornece suporte para a ideia de que a filosofia deve se envolver não apenas com os conceitos, mas também com a *práxis*. Isto tem encorajado os meus esforços para reviver a antiga ideia da filosofia como uma forma encarnada de vida. Eu deveria mencionar aqui que a noção pragmatista de contingência e de um mundo em mudança, evoluindo por meio de acontecimentos contingentes, deve muito à influência de Charles Darwin. A ideia de um mundo em mudança também implica a importante ideia pragmatista do falibilismo: a de que nossas atuais crenças garantidas ou conhecimentos estabelecidos estão sempre sujeitos a melhoria ou revisão, à luz da experiência futura. Isso é diferente do ceticismo porque, para o falibilismo, não há qualquer razão para lançar dúvidas sobre ou questionar nossas crenças, a menos que tenhamos encontrado na experiência uma razão específica para fazê-lo.

2. A primazia da ação e do propósito humanos, até mesmo em nossas investigações e conceitos mais racionais e cognitivos.

Para o pragmatismo, os seres humanos são, em primeiro lugar, criaturas de ação, antes de serem sujeitos de pensamento racional. Nós não buscamos o conhecimento com o objetivo primordialmente racionalista da verdade, por amor à verdade, mas em vista de uma ação mais eficaz para realizar nossos propósitos na vida. Por isto, o pragmatismo, como eu entendo, insiste na unidade de teoria e prática, conhecimento e ação. A teoria emerge de perguntas que aparecem na experiência de uma ação ou prática, e necessita ser testada em termos de seu papel na explicação, previsão e melhoramento da experiência e da prática. A ação, a sobrevivência e a satisfação de nossas necessidades são, portanto, mais básicas do que as noções de verdade e conhecimento. Isto sugere a primazia da vida sobre a verdade. A condução bem sucedida da vida não requer conhecimento perfeito ou verdades comprovadas, mas, simplesmente, boas crenças para guiar nossa ação; esta é uma das razões por que alguns pragmatistas têm procurado substituir a noção de verdade pela ideia de “crença justificada”, ou do que “é bom em termos de crença”, ou em termos de “o ponto de que a pesquisa consecutiva, crítica, colaborativa e autocorretiva está se aproximando”. A crença, além disso, não é concebida em termos puramente racionalistas, mentalistas, de pensamento consciente, e, sim, como uma orientação para a ação que é tipicamente implícita e não formulada, mas ainda assim eficaz.

³ N. T. De modo bastante simplificado, “tiquismo” (do grego *tyché*, acaso) é a doutrina peirciana do “acaso absoluto”, isto é, a compreensão de que o acaso é um elemento ontológico real, a ser efetivamente considerado em toda a sua extensão.

3. Um naturalismo não reduutivo, corporificado.

O pragmatismo deweyano que tem o meu favor (e que é compartilhado, em medida bastante larga, por William James e, em medida bem menor, por C. S. Peirce) entende a inteligência e a razão humanas como sendo fundamentadas em nosso equipamento natural para a sobrevivência e a melhoria, em vez de um dom sobrenatural de Deus ou de alguma fonte de outro mundo. A razão é um produto da evolução, e pode evoluir e mudar ainda mais. O pragmatismo clássico tem uma visão essencialmente corporificada da natureza humana. Ele rejeita o dualismo radical tradicional de corpo/mente. Para Peirce, o organismo (com seu sentimento corporificado) é o que distingue um homem de um sinal. James explica não apenas a emoção, mas também o senso de si, o pensamento coerente, a atenção e a própria unidade da consciência em termos de um fundo estruturante de sentimentos corporais. Para James, apenas a vontade permanecia diferente da corporeidade, enquanto Dewey foi mais longe, afirmando que também a vontade era uma função do hábito somático (ver SHUSTERMAN, 2008). Que o pragmatismo clássico tenha enfatizado a natureza corporal da experiência e da cognição humana tem me ajudado muito no desenvolvimento do meu projeto da Somaestética.

O naturalismo pragmatista não se destina a reduzir os fenômenos mentais a meras reações neuronais no cérebro; a vida mental é vista mais como emergindo de – ainda que não seja redutível a – meras reações físicas, moleculares. De fato, para o pragmatismo, inclusive a espiritualidade pode ser vista da mesma forma que um fenômeno real, experiencial, ainda que, novamente, emerja do natural e represente uma dimensão do significado e do comportamento experimentados, e não uma substância extramundana separada, totalmente divorciada da existência corporal, material. Esta ideia de uma mente em evolução e emergente a partir de baixo também pode ser ligada à influência de Darwin. A continuidade essencial da natureza corporal e da mente é complementada pela continuidade de natureza e cultura. A mente não é uma substância psíquica isolada, mas uma que incorpora as energias e elementos dos ambientes natural e social. No sentido humano mais pleno, a mente é essencialmente social e reflete uma rede de comunicação e significados tornada possível pela linguagem. A natureza corporificada da mente se reflete na importância que o pragmatismo dá ao hábito, o qual é moldado por – e incorpora elementos de – ambos os ambientes, o natural e social, a fim de guiar o pensamento e a ação humana.

4. Anticartesianismo.

Numerosos temas pragmatistas podem ser agrupados como uma rejeição dos pontos de vista centrais defendidos por Descartes no lançamento de seu projeto epistemológico, o qual definiu, em grande parte, a corrente principal da filosofia moderna. Contra a busca cartesiana de certeza absoluta e conhecimento indubitável, o pragmatismo argumentou que crenças confiáveis eram suficientes, e que um conhecimento absoluto, incorrigível, em um mundo em mudança, era um ideal não razoável. Contra a estratégia cartesiana de buscar a verdade por força de duvidar metodologicamente de todas as crenças, até que possam ser comprovadas com certeza, o pragmatismo argumentou que era impraticável e sem sentido (senão também psicologicamente impossível) duvidar de coisas das quais nós sentimos como certas e de que não temos qualquer razão para dúvida, e que, em vez disso, deveríamos concentrar nossa investigação nas questões em que experimentamos dúvida real. Os pragmatistas, conforme já referi anteriormente, também se opuseram ao rígido dualismo ontológico mente-corpo de Descartes. Finalmente, contra o método epistemológico de Descartes de basear o critério da verdade sobre a clareza e a distinção de ideias na consciência crítica da mente do indivíduo, o pragmatismo insistiu que a verdade e o conhecimento dependem essencialmente da investigação intersubjetiva e colaborativa e da

comunicação. Isto conduz a um quinto tema – a importância crucial e cognitiva da comunidade.

5. Comunidade.

A comunidade é um meio indispensável para a busca de melhores crenças, de conhecimento, e até mesmo para a percepção de significados por meio da linguagem e das artes. Ela fornece a estrutura para a transmissão e sustentação da cultura e da linguagem, sem as quais nossas conquistas cognitivas, tecnológicas e culturais não poderiam ser preservadas e avançar. A comunicação entre os indivíduos fornece os meios para corrigir falsas crenças. Ela permite a partilha e a crítica de pontos de vista alternativos. A vida comunitária, além disso, fornece os próprios contrastes que um indivíduo precisa compreender a si mesmo. Por meio dos outros, nós aprendemos uma linguagem comum, tanto para expressar ideias e valores compartilhados, quanto para expressar nossas diferenças dos outros, a nossa capacidade de desenvolvimento, de modo a falar e pensar por nós mesmos de forma original. A triangulação em um objeto, a partir de diferentes perspectivas de diferentes pessoas, pode nos dar informações mais confiáveis sobre esse objeto, e por essa razão Peirce definiu a verdade em termos daquilo sobre o qual, eventualmente, a comunidade de investigadores acabará por convergir. A comunidade não é um tema apenas cognitivo no pragmatismo, mas estético, ético e político, e contribui para a orientação fundamentalmente democrática do pragmatismo. Os pragmatistas têm oferecido argumentos cognitivos, éticos e estéticos para a democracia (SHUSTERMAN, 1997).

6. Postura empírica, orientada para a experiência.

Embora alguns pragmatistas contemporâneos (como Richard Rorty) tenham sido extremamente críticos do conceito de experiência (considerado como muito vago e infestado com o mito epistemológico do puro dado, usado para justificar pretensões de conhecimento), os pragmatistas clássicos enfatizaram o conceito de experiência, empregando-o de forma central em uma variedade de contextos, desde a filosofia da mente e da ciência, até a estética e a religião (KLOPPENBERG 1996; SHUSTERMAN 1994, 1997). A ênfase do pragmatismo clássico na experiência como fonte de conhecimento e de valoração está conectada com a sua ideia de julgamento pelas consequências e seu respeito pela ciência e pelo método científico. O pragmatismo difere do empirismo estritamente cientificista ao não confinar a verdade e a investigação científica ao domínio físico e ao não reduzir os fenômenos culturais, sociais e éticos a explicações meramente físicas. O pragmatismo difere do empirismo britânico clássico ao não conceber a experiência em termos de sensações particulares, atomísticas mas, em vez disso, ao insistir que nossas percepções imediatas não são sensações puramente neutras, mas são já preestruturadas por nossos desejos, crenças, valores e conceitos previamente existentes (e em ampla medida gerados socialmente). Da mesma forma, o pragmatismo não vê a ciência como uma procura isenta de valor; os valores humanos estão em toda parte.

7. Olhar para o futuro.

Embora o conceito de experiência tenha seus usos conservadores ou retrospectivos (por exemplo, quando as pessoas são instadas a aderir às práticas estabelecidas, às regras e ideias adquiridas por meio de experiências passadas; ver SHUSTERMAN, 2006), o uso que o pragmatismo faz da experiência é, de formas diversas, essencialmente voltado para o futuro. Ele julga o valor dos pontos de vista pela continuidade de suas consequências na experiência, em vez de por sua genealogia ancestral ou pela clareza de seus primeiros princípios. Ademais, o pragmatismo emprega a ideia de experiência como experimentação. Para o experimentalismo pragmatista,

tanto ideias novas quanto antigas podem ser testadas para ver o que produzem na experiência. Já que o mundo da experiência é permeado por mudanças, nosso pensamento e ação não podem confiar apenas na sabedoria passada, e devem olhar para a frente, não só para lidar com as novas mudanças, mas também para melhorar nossas condições de vida atuais. A filosofia pragmatista apoia a criatividade também no âmbito da reforma conceitual.

8. Melhorismo.

O objetivo de tornar as coisas melhores é uma orientação chave e distintiva do pragmatismo. A sua orientação ativista melhorista o alinha em alguns aspectos com a ideia marxiana de que, para a filosofia, não é suficiente interpretar o mundo, uma vez que é mais importante mudar o mundo para melhor. Mediante a reforma conceitual e novas ideias, a filosofia pode fazer a diferença, desconstruindo ou contornando vários obstáculos, e abrindo o pensamento e a vida para opções mais novas e promissoras. Na Europa, onde eu trabalhei bastante na promoção do pragmatismo, em uma variedade de livros e palestras traduzidos, dizem-me com frequência que o pragmatismo é uma filosofia infantil, na medida em que acha, ingenuamente, que a filosofia pode realmente fazer a diferença, e que o mundo pode, efetivamente, ser transformado para melhor, enquanto uma filosofia madura se preocupa com realidades imutáveis, e se contenta em descrever como o mundo realmente é, o que já é uma tarefa muito difícil. As premissas pragmatistas de que o mundo é maleável e que os seres humanos são essencialmente ativos estimulam uma atitude mais positiva, melhorista. Se a ação é essencial e se o mundo é, em parte, determinado por nossa ação, então é mais sensato orientar essa ação para o melhoramento da experiência e mais útil acreditar que a nossa ação pode, de alguma maneira, ser eficaz. O pensamento positivo melhorista (que deveríamos distinguir de um otimismo ingênuo, utópico) pode ajudar no estímulo a resultados positivos.

9. Holismo.

A noção de holismo aqui se destina a capturar duas ideias chave pragmatistas. A primeira é uma orientação para ver as coisas em termos de continuidades, em vez de dualismos. Nós já assinalamos as continuidades entre corpo e mente, natureza e cultura, teoria e prática. Mas as continuidades de senso comum e investigação científica, ciência e arte, pensamento e sentimento, ética e estética também são visíveis no pragmatismo. Em segundo lugar, o holismo refere-se à natureza holística de nossas crenças, desejos, práticas e propósitos. Essas coisas não significam nada isoladamente. Ao contrário, elas estão entrelaçadas em uma rede complexa, e derivam seu significado, valor ou validade de sua relação com outros elementos nessa rede. Por exemplo, a verdade de uma crença perceptiva não é determinada por quão clara e auto-evidente é a nossa sensação, mas pela forma como essa sensação se encaixa num contexto total de crenças de fundo, experiências e sentimentos, junto com outras sensações que estejamos experimentando atualmente. O significado de uma ação não está no ato físico em si, mas é, antes, uma função de todo o contexto de propósitos, da situação, e das reações e consequências esperadas do ato. A identidade de uma pessoa individual não é um produto autônomo seu, mas, sim, uma função de suas relações com outras pessoas. Tal princípio de que o significado é contextual liga o pragmatismo à tradição hermenêutica.

10. Pluralismo.

Embora este seja o último dos temas que menciono aqui, é certamente um dos mais centrais para o pragmatismo. Porque um mundo aberto, mutável e contingente implica diversidade, o pragmatismo aprecia a pluralidade, rejeitando a ideia de uma verdade única, permanente e universalmente abrangente, ou um universo monólito

único, desprovido de mudança e diversidade. Porque as práticas humanas também são diversas, o pragmatismo, como uma filosofia baseada na prática, tem ainda mais razão para ser pluralista. O respeito do pluralismo por formas diferentes de vida encontra-se também refletido na defesa pragmatista da democracia, e em muitas outras questões filosóficas. Por exemplo, ainda que a ciência e o raciocínio cognitivo sejam cruciais para a filosofia pragmatista e seus objetivos de melhorismo, há um igual reconhecimento de que nossa cognição é, inevitavelmente, baseada nos hábitos e sentimentos que se encontram em camadas mais profundas do que o nosso pensamento racional, que nós somos, em primeira e última instância, criaturas de hábito e afeto. Mesmo os nossos questionamentos mais racionais repousam sobre um fundo de significados e práticas habituais, e dependem, para se manterem, em sentimentos de interesse, curiosidade e excitação. A vida seria tanto impossível, como incrivelmente aborrecida, sem hábitos e afeto. Isso não nos condena ao irracionalismo ou ao primitivismo imutável. Hábitos e sentimentos podem ser inteligentes, e se lhes prestarmos mais atenção, eles podem tornar-se mais inteligentes, eficazes e gratificantes.

Referências

KLOPPENBERG, James. "Pragmatism: An Old Name for Some New Ways of Thinking." *Journal of American History* 83, (1996).

SHUSTERMAN, Richard. **Pragmatist Aesthetics: Living Beauty, Rethinking Art**. 2nd ed. New York: Rowman and Littlefield, 2000 (1992).

_____. **Practicing Philosophy: Pragmatism and the Philosophical Life**. New York: Routledge, 1997.

_____. **Body Consciousness: A Philosophy of Mindfulness and Somaesthetics**. New York: Cambridge UP, 2008.

Tradução de Aldir Carvalho Filho (UFMA)
Doutor em Filosofia (UFRJ)
Docente do Depto. de Filosofia/UFMA
E-mail: aldircarvalhofilho@uol.com.br